

MIL ROSAS ROUBADAS: VIDAS QUE SE COMPLETAM NA DIFERENÇA

PEDRO HENRIQUE ALVES DE MEDEIROS*

EDGAR CÉZAR NOLASCO**

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo delinear uma discussão crítica acerca do conceito de amizade política no romance *Mil rosas roubadas* (2014) do intelectual e escritor Silviano Santiago. Em síntese, buscaremos discutir as relações de Silviano e Zeca como amigos, amantes e homossexuais atravessados pela paisagem transcultural de Belo Horizonte. O ambiente metropolitano pode ser um lugar de aproximação, mas é, sobretudo, um espaço de distanciamento e solidão. Para respaldar epistemologicamente nossa discussão, nos apoiaremos nos postulados da crítica biográfica fronteira e nos estudos de Denilson Lopes acerca das teorizações paisagísticas e homoafetivas.

PALAVRAS-CHAVE: Amizade, Silviano Santiago, crítica biográfica fronteira, homossexualidade.

[...] uma das coisas mais fascinantes num romance é que seja um gênero sem lei – meio bandido – mas, por outro lado, ele querer, por demais, a própria experiência de vida do autor. (COELHO, 2011, p. 49).

Iniciamos o presente trabalho à luz da voz de Silviano Santiago em uma entrevista realizada por Theresa Lessa e publicada em 1987 no *Jornal Verne*. Nessa entrevista, o intelectual e escritor mineiro discorre sobre a sua concepção de romance. Assim, nossa recorrência a essa fala de Silviano se justifica, sumariamente, pelo objeto que permeia toda a discussão crítica a qual nos propomos: o romance *Mil rosas roubadas*

* Graduando em Letras Licenciatura pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com.

** Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Pampulha, Belo Horizonte, Brasil. E-mail: ecnolasco@uol.com.br.

(2014). Objeto de desejo de nós, pesquisadores e críticos biográficos fronteiriços.

Nesse sentido, há dois elementos essenciais na assertiva de Silviano que dialogam com os objetivos principais deste texto: primeiramente, o caráter de gênero sem lei do romance; por fim, a questão da própria experiência do autor. Ambas as afirmações realizadas pelo intelectual em 1987 foram e são levadas à última potência em sua produção ficcional, sobretudo no romance *Mil rosas roubadas*. Silviano ratifica o não lugar do romance uma vez que cria e recria metamorfoses textuais embaralhando gêneros, vidas e fronteiras.

Portanto, tomando como objeto o romance *Mil rosas roubadas*, buscaremos relê-lo na esteira do conceito de amizade política trabalhado por intelectuais e filósofos como Francisco Ortega e Jacques Derrida e que, a partir do nosso recorte epistemológico crítico biográfico fronteiriço, inter-relaciona-se com reflexões suplementares, mas essenciais para a argumentação, sendo estas: paisagens transculturais (LOPES, 2012) e homossexualidade (LOPES, 2002).

Mediante a isso e ao posicionamento crítico-ficcional adotado pelo mineiro, Silviano Santiago se constrói como um autor do viés trans, isto é, que transpõe barreiras, dicotomias e, essencialmente, fronteiras. Todavia, faz-se necessário salientar que as fronteiras que o autor ultrapassa são demasiadamente multifacetadas devido à diversidade de seu projeto intelectual; dentre elas as literárias (ao mesclar ficção e ensaio) e as epistemológicas (embaralhando visadas críticas sociais, culturais e políticas).

Dessa forma, buscaremos erigir nossa leitura sob a égide de um pensamento crítico biográfico fronteiriço (NOLASCO, 2015) que leva em conta o lócus enunciativo das produções culturais e críticas. À guisa de ilustração, nos valeremos do romance brasileiro supracitado, reconhecendo seu valor como uma literatura genuinamente nacional com sensibilidades locais específicas e detentora de uma voz que emerge de um determinado contexto social-político-cultural demandante de epistemologias próprias que deem conta de reler tais idiossincrasias. Segundo Edgar César Nolasco:

[...] toda e qualquer produção do conhecimento é inseparável das sensibilidades do local geostórico (MIGNOLO), e talvez seja exa-

tamente por isso que devemos tomar as produções artístico-culturais, não mais como objetos passíveis de análise e de dissecação visando satisfazer tão somente os egos de proeminentes críticos modernos, mas como corpos vivos que produzem conhecimento a partir as sensibilidades de um local geostórico com sua história local particular. (2013, p. 60).

Teorizar sobre Silviano Santiago hoje, seja no que convém ao prisma crítico ou literário, significa refletir na direção de uma epistemologia pós-colonial e biográfica, haja vista as reflexões que esse projeto intelectual demanda. É pensar não mais sob o aspecto dicotômico, mas sim, da *diversalidade* (BESSA-OLIVEIRA et al., 2017), de uma horizontalidade crítica que contempla tanto as semelhanças quanto, principalmente, as diferenças; que concebe o que é da ordem da aproximação e do afastamento.

Em suas produções, independentemente do caráter ou gênero destas, há a presença de indivíduos que não foram contemplados pelo grande projeto moderno branco, heterossexual, falocêntrico, cristão e de classe média. Há sujeitos da margem, do exterior, de fora, que são trazidos à tessitura textual e dissecados pelo exercício literário. Um exemplo disso é o casal/dupla de amigos/amantes homossexuais protagonistas do romance *Mil rosas roubadas*:

Oscila entre a objetividade e o delírio como forma de compreensão do real, entre o enrustido e o desbundado, entre o funcionário público assalariado com aposentadoria garantido e o ator que sobrevive com bilheteria diária e vive num apartamento em sistema de comodato, entre o universitário bem posto na vida e o artista que vive como agregado, entre o pesquisador e o inventor de si mesmo. *Esses conflitos são o alicerce do drama maior do historiador. Paradoxalmente, ele se releva mais emotivo e mais apaixonado que o artista. Seria ele o verdadeiro artista?*. (SANTIAGO, 2014, p. 13, grifo nosso).

Zeca e Silviano representam o sujeito da exterioridade, uma vez que se relacionam na posição de amigos-amantes, além de sua forma de relacionamento destoar-se da comumente conhecida amizade fraternal. Os personagens do romance são amigos na medida em que sua relação

se fundamenta no distanciamento e não na proximidade (ORTEGA, 2000, p. 57). De acordo com Jacques Derrida em *Políticas da amizade*:

[...] o discurso da boa amizade não cede à proximidade, à identificação, à fusão ou à permutação entre tu e eu. Pôr aí, deixar antes aí, respeitar aí uma distância infinita. Justamente aquilo que o amor não sabe fazer, aquilo que a assim se chama, o amor entre os sexos, o próprio egoísmo, o ciúme que não tende senão para a posse (Besitzen) [sic]. (2003, p. 76-77).

Sob plano de fundo dessa amizade política, há uma Belo Horizonte dos anos de 1950 assolada pelo *boom* do crescimento metropolitano em que o espaço urbano aproxima sujeitos, mas também os distancia. O lócus citadino se evidencia como um entre-lugar em que o encontro transcultural se faz presente e cada vez mais as diferenças culturais-sociais-políticas são trazidas à tona. Pensando nisso, recorreremos às paisagens transculturais do intelectual Denilson Lopes (2002) para respaldar nossa discussão acerca do espaço metropolitano.

Sendo assim e em confluência à amizade e à paisagem transcultural, temos outro elemento de importância ímpar à discussão: a homossexualidade – ficcional e biográfica. Esta, por sua vez, é latente no *bios* de Silviano e metaforizada no universo literário criado pelo mineiro, singularmente no romance *Mil rosas roubadas* com os personagens Zeca e Silviano. Denilson Lopes em *O homem que amava rapazes* (2002), afirma que, em determinada palestra na UERJ, Silviano Santiago à lá Murilo Mendes se apresentava de modo substancial como um escritor gay.

Ou seja, ao explicitar verbalmente a todos, sem pudor e livre do medo de possíveis represálias, Silviano torna pública suas sensibilidades biográficas, (re)afirmando a identidade de sujeito da margem, exterior ao projeto moderno hegemônico e produtor de uma literatura nacional que emerge dessa condição biolocal (*bios* + lócus), priorizando assim as preocupações e necessidades desses espaços. Denilson Lopes ressalta:

Ser um escritor gay é afirmar uma afetividade que, longe de acentuar o isolamento e a alienação do homem contemporâneo, é uma forma de redefinir práticas políticas marcadas pelo cotidiano, uma ética de um sujeito plural e uma estética da existência. (2002, p. 38).

Isto posto, as leituras pertinentes à amizade são recuperadas e desenvolvidas em paralelo às discussões acerca da homossexualidade. Isso se justifica, segundo Francisco Ortega em *Genealogias da amizade* (2002), por questões históricas, uma vez que, no panorama genealógico da amizade, a homossexualidade sempre esteve presente. Ortega reafirma que a decadência da amizade se deu devido à patologização e condenação da homossexualidade perante o meio social. Por esta razão, (re)ler o romance *Mil rosas roubadas* a partir de uma visada política da amizade é, particularmente, discutir também acerca dos preceitos pertinentes à homossexualidade. Isso se torna mais latente quando aproximamos, sob o crivo da metaforização do real, da vida e da obra do escritor Silviano Santiago. Eneida Maria de Souza em *Teorizar é metaforizar* afirma:

O estatuto paradoxal da teoria – e da literatura – investe-se contra o raciocínio binário e exclusivo de definições, dilui a separação entre polos considerados distintos, como a ficção e a teoria, arte e ciência, obra e vida, com vistas a redimensioná-los e repensá-los. [...] O gesto de teorizar alimenta-se de outros, como o de ficcionalizar, vivenciar e metaforizar. (2016, p. 217-218).

Para Francisco Ortega em *Amizade e estética da existência em Foucault* (1999, p. 157), ao reler Michel Foucault, tratar da amizade é “[...] falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização.” Essas características arroladas pelo filósofo representam de maneira precisa o romance *Mil rosas roubadas*, pois na amizade/relacionamento dos personagens Zeca e Silviano não há uma reafirmação da própria identidade no outro, mas uma *ascese*, uma transformação. A partir dessa perspectiva, começa-se a delinear uma política da amizade em que se distancia do elemento fraternalista, característica do âmbito privado familiar, e aproxima-se do ambiente público, dado que há o espaço para a crítica possibilitada pelo distanciamento entre os amigos: “Na frustração, e não nas lágrimas, é que nossa amizade se recobre e se fortifica. A relação a dois não é familiar nem fraterna.” (SANTIAGO, 2014, p. 243). Vejamos outro excerto do romance:

Demonstrava coragem para afirmar – diante de possível e inconveniente ruptura da amizade – que a discórdia entre amigos não deve ser considerada como algo estranho à expansão infinita dos sentimentos fraternos. Aliás, acrescentava que, no terreno apimentado pelos afetos, há que sempre abrir espaço para os desentendimentos passageiros e profundos. (2014, p. 215).

Ortega, aludindo às assertivas de Jacques Derrida, pontua que a amizade se apresenta como uma alternativa às novas formas de sociabilidade extrínsecas ao recinto privado familiar (2000). A amizade representa um exercício político e, mencionando o fragmento supracitado do mesmo autor ao reler Foucault, esse tipo de relacionamento pressupõe multiplicidade, intensidade, experimentação e desterritorialização. Pressupõe deslocar-se do lugar-comum para experimentar novas formas de se relacionar. Nessa lógica, o espaço citadino é fundamental, pois possibilita novos modos de integração; entretanto, tendo em vista que a cidade aproxima, esta também distancia, deixando o sujeito à mercê da solidão, como acontece em *Mil rosas roubadas* após a morte de Zeca.

Em suma, o romance tem seu pontapé inicial a partir da morte do amigo e então biógrafo de Silviano, Zeca. Fundamentado nesse acontecimento, Silviano começa a escavar o baú de suas memórias a fim de lembrar os momentos ao lado do falecido amigo, as lembranças vão desde o primeiro contato dos rapazes, perpassando por seus momentos de afetos e desavenças até os momentos finais de vida de Zeca. Dessa forma, as relações sociopolíticas do romance vão se delineando e tomam forma, tais como a amizade/relacionamento dos personagens e os elementos identitários – a homossexualidade e a origem mineira, por exemplo. Então, diante da impossibilidade de Zeca escrever a biografia de Silviano, este se propõe a biografar aquele, contudo, acaba esbarrando e flerta com a sua (auto)biografia de maneira constante. O narrador Silviano se questiona:

Será que escrevo esta biografia porque me quero perseguido e ferido por quem eu persegui e feri a toda a vida? Escrevo-a para guardá-lo ainda ao lado, como se fosse criado-mudo à minha disposição? Ou a escrevo para sorver a inspiração dos pulmões que o rejuvenescia a caminhar pelas ruas de Belo Horizonte e o fortalecia no palco do Teatro Francisco Nunes? Escrevo-a para respirar o ar que ele não respira mais?. (SANTIAGO, 2014, p. 145).

Francisco Ortega, em *Para uma política da amizade* (2000), ressalva que a amizade pende mais para o lado humanístico do que para o fraternalista. Isso se dá pelo fato de a amizade estar voltada para o âmbito público e não para o privado, como no caso da família. Ao se engendrar no plano público, a amizade política não dá vazão para o não distanciamento entre os sujeitos, tal qual ocorre quando o sentimento fraternal contamina o trato entre amigos. Diferentemente do que de modo geral se pensa, a fraternidade anula a pluralidade dos sujeitos em prol de uma singularidade, o que, de fato, é prejudicial. Francisco Ortega, em *Genealogias da amizade*, assevera:

A fraternidade, não obstante, *não é política, já que, ao serem suprimidas a diferença e a pluralidade* (como irmãos todos os indivíduos são iguais), *anulam-se as condições do político*. A amizade, em contrapartida, está mais voltada para o mundo e é, por essa razão, um fenômeno político. (2002, p. 46, grifo nosso).

Esse tipo de convívio fraternal é nocivo em razão da despolítica da amizade ao se almejar uma singularidade. Quando se expurga a amizade para o domínio privado, a possibilidade de se experimentar novas formas de relacionamento é anulada. Desse modo, a partir das reflexões de Ortega, Foucault e Derrida, deve-se defender a busca por uma política da amizade que vise a transformação do sujeito em detrimento de uma pluralidade. Desconstruir a dualidade amizade-fraternidade é essencial para uma revitalização do conceito de amizade à luz dos filósofos apostos.

Nesse contexto é que se fundamenta a amizade de Zeca e Silviano no romance *Mil rosas roubadas*, uma união de vida e morte tomada por afetos, mas constituída também por desavenças, críticas, discussões e desentendimentos. A amizade dos personagens se mostra destoante do padrão que se percebe nas convivências humanas. Mediante a possibilidade da instauração crítica devido à boa distância, os amigos convivem transformando-se sempre por intermédio de um relacionamento político. Zeca e Silviano representam personalidades extremamente opostas no que concerne à subjetividade humana. De acordo com Nolasco, no ensaio *Políticas da amizade* (2010), as vidas se completam na diferença.

Enquanto Zeca se funda na qualidade de boêmio, Silviano se resguarda à aposentadoria e à vida de funcionário público. Aquele é um amante liberal e desprendido; este se constitui como um sujeito padecente pelo amor que não fora correspondido pela vida inteira mas, talvez, apenas no terreno da memória. Nesse sentido, é sob o crivo da diferença e não da semelhança que se dá a aproximação e a amizade dos protagonistas do romance. Distintivamente do senso comum, a partir de uma perspectiva crítico-política, é a diferença que aproxima e não a igualdade: “Ao narrar apressadamente [...] seu temperamento, não consigo desvencilhar-me, desgrudar-me do meu próprio temperamento, que lhe era oposto na falta de singularidade” (SANTIAGO, 2014, p. 53). Ao que o narrador complementa:

[...] a boa amizade não o impedia de me incriminar pelo modo bom-moço como eu próprio, desde jovem, fui construindo a sobrevivência financeira pela carreira profissional.

Em matéria de trato com dinheiro, éramos o avesso a um do outro.

–Somos diferentes – lhe dizia –, não sei como sobreviver no cotidiano sem ter a certeza de que lá no fim do túnel brilha a luzinha da aposentadoria remunerada. O orgulho de ferro das Gerais é herança paterna. (SANTIAGO, 2014, p. 125).

Outro ponto essencial para a leitura a qual estamos propondo é a relação da amizade com o espaço público e, especificamente, como este influi no romance. Conforme Ortega reconhece em *Para uma política da amizade* (2000), a amizade é um processo público em razão do sujeito se encontrar em um mundo compartilhado com outros indivíduos. Todavia, só se pode ter acesso a esse ambiente público e político quando há o afastamento da existência privada, familiar que, como já discutido, sucumbe a pluralidade e a diferença entre os sujeitos.

Nesse ponto de vista, a paisagem metropolitana se insere como uma possibilidade para as formações de tais correspondências entre os cidadãos. A partir do grande crescimento urbano, transporte e locomoção, por exemplo, possibilitam interações interpessoais e, em alguns casos, o estabelecimento de relacionamentos/amizades, como ocorre no romance *Mil rosas roubadas*. *Grosso modo*, o primeiro

diálogo entre Zeca e Silviano ocorreu na praça Sete de Setembro, praça de todos os encontros, aos olhos do narrador:

Se não foi por estranha coincidência que nos encontramos na praça Sete, qual teria sido a razão que o levou a se aproximar de mim e a puxar conversa?

Sem dizer meu nome, já que ainda não o sabia, me disse:

– Bela coincidência! A gente se viu lá no Clube de Cinema no sábado à noite. Está lembrado, não? Você estava tão entretido depois do filme, de papo com o Jacques, que nem quis atrapalhar a conversa.

Eu não conseguia abrir a boca. (SANTIAGO, 2014, p. 64).

Assim, Denilson Lopes em *O homem que amava rapazes*, dentre as diversas temáticas debatidas no livro, se propõe a discutir a espacialidade cidadina partindo de uma compreensão contemporânea no que convém à formação das metrópoles. O intelectual defende a imagem da cidade como um labirinto, espaço de anonimatos, solidões, fragmentação e heterogeneidade. Para Lopes, a partir desses elementos, as percepções de proximidade e distanciamento são repensadas (LOPES, 2002). Sob esse crivo, é possível correlacionar essa reflexão à proposição do *Mil rosas roubadas*.

No romance, esses elementos pertinentes à solidão dos habitantes das metrópoles se dão pela ruptura entre os amigos quando um deles morre (Zeca) deixando Silviano à mercê tanto de sua presença quanto da suposta biografia que seria escrita pelo boêmio. A representação da cidade como uma metáfora labiríntica se reforça na medida em que, após o óbito do amado, Silviano se vê diante, apenas, das próprias lembranças em virtude de uma memória preenchida pelo desejo do sujeito que se encontra frente à perda, da falta daquele que foi seu amado por toda a vida. Denilson Lopes corrobora:

Numa sociedade de excessos de informação, imagens e discursos, não é suficiente falar, seja porque nem o local nem o nacional são garantias de um posicionamento crítico, seja por que, em meio à abundância de mercadorias, o problema não seja falar, mas ser ouvido, lido, compreendido mais do que visto ou mencionado. (2012, p. 23).

A partir desse cenário, podemos começar a pensar tal lócus metropolitano, labiríntico, heterogêneo e fragmentário como uma paisagem transcultural que possibilita a proximidade e, sobretudo, o distanciamento entre os indivíduos. A Belo Horizonte dos anos de 1950, plano de fundo da narrativa ensaística de Santiago, na esteira das reflexões críticas paisagísticas de Denilson Lopes no ensaio *Do entre-lugar ao transcultural* (2012), pode ser (re)lida como esse espaço que erige do entre-lugar e dialoga com a experiência gay, como propomos neste texto.

O conceito de entre-lugar, cunhado por Silviano e explicitado no ensaio *O entre-lugar do discurso latino-americano* (2000), propõe uma nova óptica para a América Latina e, especialmente, para os modos como enxergamos a nossa cultura em detrimento das hegemônicas. É, em suma, a partir disso que Lopes se vale para pensar sua teorização paisagística cultural; para ele, a percepção transcultural a qual se propõe delinear se aquilata, singularmente, no entre-lugar. Desse modo, sobre Silviano Santiago e o seu entre-lugar, ou não lugar, Denilson Lopes afirma:

Silviano Santiago pula de uma posição a outra, quebrando expectativas. Como se dissesse onde queres Derrida sou Minas Gerais, onde queres cultura, sou literatura, onde queres Mário de Andrade, sou pós-modernidade, onde queres Borges, sou Puig, onde queres professor, sou Lou Reed, Clara Nunes, Antony & the Johnsons. Ou tudo ao contrário e ao mesmo tempo. Trânsito entre saberes, linguagens, conceitos e perspectivas teóricas. Trajetória errática e múltipla entre o desejo de estar no seu tempo e abrir, refazer tradições. O entre-lugar é espaço concreto e material, político e existencial, local, midiático e transnacional de afetos e memórias. (2012, p. 28).

É nessa percepção transitável, anfíbia, trans, do não lugar que se encontra o romance *Mil rosas roubadas*, no qual nos apoiamos para relermos as paisagens transculturais como pano de fundo da amizade homossexual de Zeca e Silviano. Segundo Lopes, as ficções de Silviano podem ser entendidas como suplementos das lacunas deixadas pelos ensaios do mineiro (2012). Contudo, ao nosso olhar, esse caminho não é unilateral, pois Silviano dilui as fronteiras tradicionalmente conhecidas e habita o entre-lugar crítico se metamorfoseando em teórico, professor e escritor de literatura.

Justamente na intersecção entre as diferentes linguagens artísticas, produções culturais e processos sociais (LOPES, 2012) que se situam as nossas discussões acerca de Belo Horizonte como uma paisagem transcultural. É através desse espaço que se possibilitou o estabelecimento da amizade gay entre Zeca e Silviano e a fragmentação deste após a morte do suposto biógrafo-amante. O trânsito cultural, social e político em *Mil rosas roubadas* possibilita a constituição desse espaço na qualidade de uma paisagem transcultural.

Portanto, como explicitado na epígrafe deste texto, na concepção de romance do intelectual mineiro seria importante salientar a inserção da experiência do autor na obra. Posto isto, buscamos discutir o conceito de amizade – aliado à homossexualidade e à paisagem transcultural – atravessado por percepções biográfico-culturais atribuídas por Silviano na qualidade de experiência do autor na obra. Para tal, nos valem do livro *Mil rosas roubadas*.

Dessa maneira, foi possível perceber, a partir das reflexões aferidas, segundo o recorte epistemológico crítico biográfico fronteiriço, o caráter transfronteiriço de Silviano Santiago, seja no que concerne à esfera crítica ou, sobretudo, à ficcional. O mineiro brinca com o gênero romance, dilui as fronteiras tradicionalmente conhecidas e atribui um traço ensaístico e crítico ao que, no plano da superficialidade, seria apenas uma narrativa acerca da amizade homossexual entre dois rapazes.

Além disso e, como encerramento temporário das ideias propostas, Silviano Santiago aquilata sua literatura em uma percepção altamente ficcional na medida em que se vale de elementos da própria vida metaforizados e inseridos no universo discursivo que o escritor engendra em seu labor literário. Um exemplo dessa prática se dá na descrição e na verossimilhança da Belo Horizonte dos anos 1950 em *Mil rosas roubadas*. O escritor, natural de Formiga, e intelectualizado em Belo Horizonte se apropria do recurso memorialístico para subsidiar uma literatura por excelência biográfico-transfronteiriça.

ABSTRACT

This work aims to delineate a critical discussion about the concept of political friendship in the novel *Mil rosas roubadas* (2014) by the intellectual and writer Silviano Santiago. In short, we will try to discuss the relations between Silviano and Zeca as friends, lovers and homosexuals crossed by the cross-cultural landscape of Belo Horizonte. The metropolitan environment can be a place of approximation, but it is above all a space of detachment and solitude. To support our discussion epistemologically, we will rely on the postulates of frontier biographical critique and Denilson Lopes' studies on landscape and homoaffective theorizations.

KEYWORDS: Friendship, Silviano Santiago, frontier biographical criticism, homosexuality.

MIL ROSAS ROUBADAS: VIDAS QUE SE COMPLETAN EN LA DIFERENCIA

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo delinear una discusión crítica acerca del concepto de amistad política en la novela *Mil rosas roubadas* (2014) del intelectual y escritor Silviano Santiago. En síntesis, buscaremos discutir las relaciones de Silviano y Zeca como amigos, amantes y homosexuales atravesados por el paisaje transcultural de Belo Horizonte. El ambiente metropolitano puede ser un lugar de aproximación, pero es, sobre todo, un espacio de distanciamiento y soledad. Para respaldar epistemológicamente nuestra discusión, nos apoyamos en los postulados de la crítica biográfica fronteriza y en los estudios de Denilson Lopes acerca de las teorizaciones paisajísticas y homoafectivas.

PALABRAS CLAVE: Amistad, Silviano Santiago, crítica biográfica fronteriza, la homosexualidad.

REFERÊNCIAS

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio et al. (Org.). *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)*: biogeografias na arte, crítica biográfica fronteiriça, discurso indígena e literaturas de fronteira. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

COELHO, Frederico (Org.). *Encontros*: Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

DERRIDA, Jacques. *Políticas da amizade*: seguido de o ouvido de Heidegger. Porto: Campo das Letras, 2003.

LOPES, Denilson. Do entre-lugar ao transcultural. In: _____. *No coração do mundo*: paisagens transculturais. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2012. p. 21-46.

_____. *O homem que amava rapazes*: e outros ensaios. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

NOLASCO, Edgar Cêzar. A razão pós-subalterna da crítica latina. *Cadernos de Estudos Culturais*: pós-colonialidade, v. 5, n. 9, p. 09-22, 2013.

_____. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia). *Cadernos de Estudos Culturais*: Brasil/Paraguai/Bolívia, v. 7, n. 14, Campo Grande, Editora UFMS, 2015, p. 47-63.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1999.

_____. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

_____. *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SANTIAGO, Silviano. *Mil rosas roubadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SOUZA, Eneida Maria de. Teorizar é metaforizar. In: CECHINEL, André (Org.). *O lugar da teoria*. 1. ed. Criciúma: Ediunesc, 2016. p. 217-224.

Submetido em 20 de fevereiro de 2018

Aceito em 25 de agosto de 2018

Publicado em 11 de abril de 2019
